JNT FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL
ISSN: 2526-4281 - ANO 2026 - MÊS DE OUTUBRO
Ed. 78. Vol. 2 - Págs. 138-153
DOI: 10.5281/zenodo.23501377




CAPES

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

QUALIS A2



# SEGURANÇA DO PACIENTE EM PROCEDIMENTOS CIRÚRGICOS: A IDENTIFICAÇÃO CORRETA COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DE ERROS ASSISTENCIAIS[1]

# PATIENT SAFETY IN SURGICAL PROCEDURES: CORRECT IDENTIFICATION AS A STRATEGY FOR PREVENTING CARE-RELATED ERRORS

**Erika Cristina Leite RODRIGUES**
**Faculdade de Ciências do Tocantins (FACIT)**
**E-mail: erikaclr18@gmail.com**
**ORCID: http://orcid.org/0009-0004-4447-0044**

**Lorena Josefanne Martins SOUSA**
**Faculdade de Ciências do Tocantins (FACIT)**
**E-mail: lorenajosefanne47@gmail.com**
**ORCID: http://orcid.org/0009-0000-4558-7069**

**Jocirley de OLIVEIRA**
**Faculdade de Ciências do Tocantins (FACIT)**
**E-mail: oliveiraaraguaina2013@gmail.com**
**ORCID: http://orcid.org/0009-0008-4126-0091**



## RESUMO

A segurança do paciente em procedimentos cirúrgicos depende de barreiras capazes de prevenir falhas em um ambiente marcado por alta complexidade, múltiplos profissionais e decisões rápidas. Este estudo objetivou analisar a identificação correta do paciente como estratégia de prevenção de erros assistenciais e destacar a atuação da enfermagem na promoção do cuidado cirúrgico seguro. Trata-se de pesquisa bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa e caráter exploratório e descritivo. A coleta contemplou artigos científicos, livros e documentos institucionais, selecionados segundo pertinência temática, rigor científico, disponibilidade integral e publicação preferencial nos últimos dez anos. Os materiais foram submetidos às leituras exploratória e analítica, seguidas de análise de conteúdo e organização temática. Os resultados evidenciaram que falhas de identificação podem favorecer procedimentos, medicamentos ou intervenções destinados à pessoa errada e que a utilização de dois identificadores, pulseiras, prontuários, confirmação verbal, checklists e comunicação estruturada constitui barreira essencial. Demonstraram

[1] COMO CITAR: (ABNT): RODRIGUES, E. C. L.; SOUSA, L. J. M.; OLIVEIRA, J. Segurança do Paciente em Procedimentos Cirúrgicos: A Identificação Correta como Estratégia de Prevenção de Erros Assistenciais. **JNT Facit Business and Technology Journal.** Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Outubro de 2026 - Ed. 78. VOL. 02. Págs. 138-153. Disponível: http://revistas.faculdadefacit.edu.br. Acesso em: ___/___/___.

ainda que a enfermagem participa da conferência da identidade, do procedimento e do sítio cirúrgico, da aplicação dos protocolos e da vigilância perioperatória. Conclui-se que a prevenção de eventos adversos exige adesão não mecânica aos protocolos, educação permanente, comunicação multiprofissional, participação do paciente e cultura institucional orientada à aprendizagem e à segurança.

**Palavras-chave:** Segurança do paciente. Identificação do paciente. Centro cirúrgico. Enfermagem.



**ABSTRACT**

Patient safety in surgical procedures depends on barriers capable of preventing failures in an environment marked by high complexity, multiple professionals, and rapid decisions. This study aimed to analyze correct patient identification as a strategy for preventing care errors and to highlight the role of nursing in promoting safe surgical care. This is a bibliographic and documentary study with a qualitative, exploratory, and descriptive approach. Data collection included scientific articles, books, and institutional documents selected according to thematic relevance, scientific rigor, full-text availability, and preferential publication within the last ten years. The materials underwent exploratory and analytical reading, followed by content analysis and thematic organization. The results showed that identification failures may lead to procedures, medications, or interventions being performed on the wrong person and that using two identifiers, wristbands, medical records, verbal confirmation, checklists, and structured communication constitutes an essential safety barrier. They also demonstrated that nursing participates in confirming identity, procedure, and surgical site, applying protocols, and conducting perioperative surveillance. It is concluded that preventing adverse events requires meaningful adherence to protocols, continuing education, multidisciplinary communication, patient participation, and an institutional culture oriented toward learning and safety.

**Keywords:** Patient safety. Patient identification. Operating room. Nursing.

## INTRODUÇÃO

A segurança do paciente é um dos pilares fundamentais da prática em saúde, sendo reconhecida mundialmente como elemento central na prestação de cuidados de qualidade. Nos procedimentos cirúrgicos, a complexidade das intervenções, a

multiplicidade de profissionais envolvidos e a intensidade dos processos tornam a segurança ainda mais crítica, exigindo protocolos claros e práticas baseadas em evidências.

Entre as estratégias recomendadas para reduzir riscos e prevenir erros, a identificação correta do paciente surge como medida essencial. A falha na identificação pode levar à execução de procedimentos na pessoa errada, administração inadequada de medicamentos ou realização de cirurgias em sítios anatômicos incorretos, eventos que comprometem a integridade física do paciente e a confiança na assistência de saúde.



A Organização Mundial da Saúde (OMS) destaca que a identificação correta do paciente é uma prática de segurança simples, mas de alto impacto, capaz de reduzir significativamente eventos adversos em ambientes hospitalares, especialmente em centros cirúrgicos. Essa prática deve ser incorporada como rotina obrigatória e monitorada continuamente pela equipe multiprofissional.

No contexto cirúrgico, a complexidade é aumentada devido ao uso de anestesia, instrumentação especializada e procedimentos invasivos. Pequenas falhas na comunicação, ausência de protocolos claros ou desatenção durante o processo de identificação podem resultar em consequências graves, incluindo danos físicos, prolongamento do tempo de internação e aumento de custos hospitalares.

A enfermagem desempenha papel central na segurança do paciente, atuando como elo entre os protocolos institucionais, a equipe médica e o paciente. O enfermeiro é responsável por verificar a identidade do paciente, confirmar procedimentos, garantir a correta documentação e orientar familiares sobre cuidados pré e pós-operatórios, promovendo a segurança em todas as etapas do cuidado cirúrgico.

Apesar da relevância dessa prática, estudos apontam que erros relacionados à identificação continuam ocorrendo em diversos contextos hospitalares, muitas vezes associados a falhas humanas, sobrecarga de trabalho ou ausência de conscientização da equipe sobre a importância de protocolos rígidos de verificação.

A implementação de estratégias de prevenção, como checklists cirúrgicos, protocolos de identificação e treinamentos contínuos da equipe, mostra-se eficaz na redução de erros. Essas medidas reforçam a necessidade de que a enfermagem não apenas execute tarefas, mas também participe ativamente da cultura de segurança, promovendo vigilância constante e educação contínua.

Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de analisar a segurança do paciente em procedimentos cirúrgicos, com foco na identificação correta como

estratégia de prevenção de erros assistenciais. Este estudo busca compreender as implicações dessa prática, destacando a importância da atuação da enfermagem na promoção de um cuidado seguro, eficiente e centrado no paciente.

## METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, tendo como principal objetivo analisar a segurança do paciente em procedimentos cirúrgicos, com ênfase na identificação correta como estratégia de prevenção de erros assistenciais e na atuação da enfermagem. A abordagem qualitativa justifica-se por permitir uma compreensão aprofundada dos fenômenos relacionados à prática assistencial, considerando aspectos subjetivos, organizacionais e processuais envolvidos na segurança do paciente.



Quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, fundamentada na análise de produções científicas já publicadas sobre a temática. Esse tipo de pesquisa possibilita ao pesquisador acessar um conjunto amplo de conhecimentos, permitindo a construção de uma base teórica consistente e atualizada. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos, sendo fundamental para a compreensão de fenômenos já estudados e para a identificação de lacunas no conhecimento.

A coleta de dados foi realizada por meio de levantamento em bases de dados científicas reconhecidas, como livros e documentos institucionais. Foram utilizados os descritores relacionados ao tema, tais como “segurança do paciente”, “identificação do paciente”, “centro cirúrgico”, “enfermagem” e “eventos adversos”, combinados por meio de operadores booleanos (AND e OR), a fim de refinar os resultados e garantir maior precisão na busca.

Os critérios de inclusão dos materiais selecionados compreenderam: publicações em língua portuguesa e inglesa, disponíveis na íntegra, com foco na temática proposta e publicadas preferencialmente nos últimos dez anos, visando garantir a atualidade e relevância das informações. Foram excluídos estudos duplicados, resumos sem acesso ao texto completo, publicações que não abordem diretamente a temática e materiais que não apresentem rigor científico.

Após a seleção dos estudos, foi realizada uma leitura exploratória, com o objetivo de identificar os conteúdos mais relevantes para a pesquisa. Em seguida, procedeu-se à leitura analítica, buscando compreender as contribuições de cada

autor, bem como identificar categorias temáticas relacionadas à segurança do paciente, identificação correta e atuação da enfermagem no contexto cirúrgico.

A análise dos dados foi conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo, que permite organizar, categorizar e interpretar as informações obtidas na literatura. Essa etapa possibilitou a construção de eixos temáticos que dialoguem com os objetivos do estudo, como riscos associados à falha na identificação, estratégias de prevenção de erros e práticas de enfermagem voltadas à segurança do paciente.

De acordo com Gil (2008), a análise e interpretação dos dados constituem etapas fundamentais da pesquisa, pois permitem transformar informações brutas em conhecimento científico sistematizado. Nesse sentido, os dados foram discutidos à luz do referencial teórico adotado, possibilitando uma reflexão crítica sobre as práticas de identificação do paciente e sua efetividade na prevenção de eventos adversos.



Finalizando esta parte, destaca-se que, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica e documental, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, uma vez que não envolve seres humanos diretamente. Contudo, foram respeitados os princípios éticos relacionados à pesquisa científica, incluindo a correta citação das fontes utilizadas, garantindo a integridade acadêmica e a confiabilidade do estudo.

## SEGURANÇA DO PACIENTE E IDENTIFICAÇÃO CORRETA EM PROCEDIMENTOS CIRÚRGICOS

### Segurança do Paciente no Contexto Cirúrgico: Conceitos e Importância

A segurança do paciente é um dos pilares centrais da qualidade em saúde, especialmente em ambientes de alta complexidade, como o centro cirúrgico. Trata-se de um conjunto de práticas organizacionais, clínicas e administrativas que visam reduzir ao mínimo aceitável o risco de danos desnecessários durante a prestação da assistência. No contexto cirúrgico, onde a multiplicidade de procedimentos, tecnologias e profissionais envolvidos aumenta o risco de falhas, a adoção de práticas seguras torna-se indispensável para a preservação da vida e da integridade física do paciente.

No âmbito cirúrgico, a segurança do paciente compreende um conjunto de ações voltadas à prevenção de erros, eventos adversos e danos associados ao cuidado em saúde. Tais eventos podem resultar de falhas técnicas, comunicação inadequada, ausência de protocolos padronizados ou deficiências na cultura organizacional de segurança. Dessa forma, a segurança não se restringe à competência individual dos

profissionais, mas depende de sistemas robustos, trabalho em equipe e cultura institucional voltada à prevenção de riscos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a segurança do paciente configura-se como uma prioridade global, especialmente em ambientes cirúrgicos. A instituição ressalta que a implementação de práticas seguras pode reduzir significativamente a incidência de eventos adversos, muitos dos quais são evitáveis. No contexto das cirurgias, a OMS (2009) recomenda-se a adoção de estratégias sistematizadas, como a padronização de processos, a checagem rigorosa da identidade do paciente e a utilização de listas de verificação.



> A segurança do paciente em procedimentos cirúrgicos depende da integração de práticas sistemáticas que reduzam riscos e previnam danos. A implementação de checklists cirúrgicos, a comunicação eficaz entre os membros da equipe e a adesão a protocolos de segurança são medidas fundamentais para prevenir eventos adversos e promover a qualidade do cuidado (OMS, 2009, p. 12).

O ambiente cirúrgico apresenta riscos específicos, como a possibilidade de procedimentos realizados em pacientes errados, em sítios anatômicos incorretos ou a administração de medicações inadequadas. Esses riscos são amplificados por fatores como pressão de tempo, alta demanda, falhas na comunicação entre equipes e complexidade dos procedimentos. Por isso, estratégias que reforcem a segurança do paciente devem estar presentes em todas as etapas do cuidado, desde o preparo pré-operatório até o pós-operatório.

A adoção de protocolos padronizados é um dos elementos mais eficazes para reduzir falhas. Entre eles, destaca-se o uso de checklists cirúrgicos, protocolos de identificação do paciente, dupla checagem de informações e comunicação estruturada entre os profissionais. Tais práticas permitem a detecção precoce de potenciais erros, promovendo maior segurança e qualidade assistencial.

> A adoção de procedimentos padronizados de identificação contribui para prevenir incidentes e assegurar que cada paciente receba o cuidado a ele destinado. O protocolo nacional recomenda utilizar pelo menos dois identificadores e confirmar a identidade antes da realização dos cuidados, incluindo procedimentos invasivos (Brasil, 2013a).

Além dos aspectos técnicos, a cultura de segurança é um fator determinante para a prevenção de eventos adversos. Isso envolve promover um ambiente em que profissionais possam relatar incidentes sem punição, favorecendo a aprendizagem organizacional. A cultura de segurança estimula a transparência, o trabalho em equipe e o compromisso coletivo com a qualidade do cuidado, reduzindo a probabilidade de repetição de falhas.

A atuação da equipe de enfermagem é essencial nesse processo, pois esses profissionais mantêm contato contínuo com o paciente e atuam diretamente na implementação de medidas de segurança. A conferência de dados, a verificação de identidade, a checagem de materiais e a comunicação efetiva são responsabilidades centrais da enfermagem para prevenir erros e garantir a segurança cirúrgica.

A atuação da equipe de enfermagem também envolve a vigilância contínua dos processos assistenciais e a capacidade de reconhecer precocemente situações de risco. A observação atenta de sinais clínicos, a verificação da integridade dos dispositivos utilizados e o monitoramento das condições do paciente ao longo de todo o período perioperatório permitem identificar possíveis falhas antes que evoluam para eventos adversos. Essa postura proativa, associada ao trabalho em equipe e à comunicação assertiva, favorece a construção de um ambiente assistencial mais seguro e alinhado às boas práticas em saúde.



A segurança do paciente também está diretamente relacionada à capacitação profissional contínua. A atualização constante, por meio de treinamentos, educação permanente e adesão a diretrizes baseadas em evidências, permite que os profissionais estejam preparados para identificar riscos e adotar condutas seguras. Isso fortalece a qualidade do cuidado e contribui para a redução de complicações.

Portanto, a segurança do paciente no contexto cirúrgico exige uma abordagem integrada, que envolve protocolos bem estruturados, comunicação eficaz, cultura de segurança e atuação qualificada dos profissionais. A implementação de práticas seguras e baseadas em evidências é fundamental para reduzir riscos, prevenir eventos adversos e garantir um cuidado cirúrgico seguro, humanizado e eficiente.

### Identificação do Paciente como Estratégia de Prevenção de Erros Assistenciais

A identificação correta do paciente constitui uma das práticas mais relevantes para a segurança assistencial no ambiente hospitalar, sobretudo em procedimentos cirúrgicos. Trata-se de uma barreira de segurança fundamental para garantir que o paciente receba o cuidado correto, no momento adequado e de forma segura. No contexto cirúrgico, onde o fluxo de pacientes é intenso e a tomada de decisão precisa ser rápida e precisa, a identificação correta assume papel central na prevenção de eventos adversos.

A falha na identificação do paciente pode resultar em consequências graves, como a realização de procedimentos em indivíduos errados, cirurgias em sítios anatômicos incorretos ou administração equivocada de medicamentos. Esses erros,

embora evitáveis, ainda ocorrem em diferentes contextos hospitalares, evidenciando a necessidade de estratégias sistemáticas e padronizadas para assegurar a identidade do paciente em todas as etapas do cuidado.

De acordo com as recomendações da Organização Mundial da Saúde, a identificação do paciente deve ser realizada por meio de pelo menos dois identificadores independentes, como nome completo e data de nascimento, evitando o uso de número de leito ou diagnóstico como critério de confirmação. Essa prática, segundo a OMS (2009) reduz significativamente a possibilidade de trocas ou equívocos e fortalece a segurança assistencial.



> A correta identificação do paciente é um componente essencial da segurança assistencial, especialmente em procedimentos de alta complexidade. O uso de múltiplos identificadores, aliado a protocolos padronizados de verificação, reduz o risco de erros e fortalece a cultura de segurança nos serviços de saúde (OMS, 2009, p. 18).

No ambiente cirúrgico, a identificação correta deve ser garantida desde o momento da admissão do paciente até o término do procedimento. A conferência de dados na admissão, o uso de pulseiras de identificação, a verificação no momento da transferência para o centro cirúrgico e a confirmação antes do início do procedimento são etapas fundamentais para prevenir erros. A ausência ou a execução inadequada dessas etapas pode comprometer todo o processo assistencial.

A identificação correta também está diretamente relacionada à comunicação eficaz entre os membros da equipe multiprofissional. A padronização da comunicação, por meio de protocolos e checklists, favorece a verificação cruzada das informações e reduz o risco de falhas decorrentes de interpretações equivocadas ou informações incompletas. Nesse sentido, a comunicação clara e estruturada é uma ferramenta essencial para garantir a segurança do paciente.

> A identificação segura exige participação do paciente e conferência ativa das informações pelos profissionais. Sempre que possível, deve-se solicitar que o paciente declare seu nome completo e sua data de nascimento, comparando os dados com a pulseira. Essa verificação deve acompanhar as diferentes intervenções realizadas durante a assistência (Brasil, 2013a).

A equipe de enfermagem desempenha papel estratégico na execução das práticas de identificação do paciente. O enfermeiro é responsável por verificar dados pessoais, conferir pulseiras de identificação, revisar prontuários e garantir que as informações estejam corretas antes da realização de qualquer procedimento. Essa atuação exige atenção, responsabilidade e adesão rigorosa aos protocolos institucionais.

A adoção de tecnologias, como sistemas informatizados de identificação, códigos de barras e prontuários eletrônicos, também contribui para reduzir erros. No entanto, essas ferramentas devem ser complementadas pela vigilância ativa dos profissionais, uma vez que a tecnologia não substitui a responsabilidade humana na verificação das informações.

A cultura de segurança institucional influencia diretamente a eficácia das práticas de identificação. Ambientes que valorizam a segurança, incentivam a notificação de falhas e promovem treinamentos contínuos tendem a apresentar menor incidência de erros relacionados à identificação do paciente.



Portanto, a identificação correta do paciente configura-se como uma estratégia essencial para a prevenção de erros assistenciais em procedimentos cirúrgicos. A combinação entre protocolos padronizados, comunicação eficaz, uso de tecnologias e atuação qualificada da enfermagem constitui uma barreira de segurança indispensável para garantir a qualidade do cuidado e a proteção do paciente.

## Protocolos de Segurança e Checklists Cirúrgicos: Aplicabilidade e Eficácia

Os protocolos de segurança e os checklists cirúrgicos constituem instrumentos essenciais para a prevenção de eventos adversos no ambiente hospitalar, especialmente no contexto dos procedimentos cirúrgicos. Esses instrumentos foram desenvolvidos para padronizar condutas, orientar as equipes multiprofissionais e garantir que etapas críticas da assistência sejam executadas de forma segura e sistemática. Ao estruturar o cuidado em etapas bem definidas, os protocolos contribuem para reduzir a variabilidade das práticas e fortalecer a cultura de segurança.

A aplicabilidade dos checklists cirúrgicos ganhou destaque internacional a partir da implementação do checklist de segurança cirúrgica proposto pela Organização Mundial da Saúde. Esse instrumento foi desenvolvido como parte de uma estratégia global voltada à redução de complicações cirúrgicas, promovendo práticas seguras antes, durante e após os procedimentos. O checklist, segundo a OMS (2009) estabelece etapas de verificação obrigatórias, como a confirmação da identidade do paciente, do procedimento e do sítio cirúrgico, além da checagem de equipamentos e condições clínicas.

> A introdução do checklist de segurança cirúrgica tem demonstrado impacto significativo na redução de complicações e mortalidade associadas a procedimentos cirúrgicos. Sua implementação sistemática favorece a

> comunicação entre os membros da equipe, melhora a adesão a práticas seguras e contribui para a prevenção de erros evitáveis (OMS, 2009, p. 25).

Os protocolos de segurança são estruturados em diferentes fases do processo cirúrgico, geralmente divididas em etapas pré-operatória, intraoperatória e pós-operatória. Na fase pré-operatória, as verificações incluem a identificação correta do paciente, confirmação do procedimento e verificação de alergias, jejum e condições clínicas. Já na fase intraoperatória, o foco recai sobre a segurança anestésica, a contagem de instrumentos e a comunicação entre os profissionais. No pós-operatório, os protocolos orientam o monitoramento clínico e a identificação precoce de complicações.



A utilização de checklists contribui para a redução de erros ao promover a comunicação estruturada entre os membros da equipe. O uso de perguntas objetivas e padronizadas facilita a identificação de inconsistências, permitindo intervenções precoces antes que ocorram danos ao paciente. Essa prática, reduz a dependência exclusiva da memória individual e minimiza falhas decorrentes de distrações ou sobrecarga de trabalho.

> A Lista de Verificação de Cirurgia Segura organiza conferências antes da indução anestésica, antes da incisão e antes de o paciente sair da sala de cirurgia. Sua aplicação inclui confirmação da identidade, do procedimento e do sítio cirúrgico, além da revisão verbal de informações essenciais pela equipe. As inconformidades identificadas devem ser resolvidas antes do prosseguimento das etapas (Brasil, 2013b).

Além de promover a segurança técnica, os protocolos e checklists contribuem para o fortalecimento da cultura de segurança nas instituições de saúde. A implementação dessas ferramentas incentiva o trabalho em equipe, a comunicação aberta e a responsabilidade compartilhada. Profissionais passam a reconhecer a importância do cumprimento de rotinas seguras e da notificação de falhas como oportunidades de melhoria, e não como motivo de punição.

A eficácia dos protocolos depende diretamente da adesão da equipe multiprofissional. Mesmo os melhores instrumentos perdem efetividade quando aplicados de forma mecânica ou incompleta. Por isso, treinamentos contínuos, auditorias internas e feedbacks periódicos são estratégias importantes para manter a efetividade dessas ferramentas e garantir sua incorporação à rotina assistencial.

A consolidação de uma cultura de segurança no ambiente cirúrgico depende do engajamento de toda a equipe e do reconhecimento da importância dos protocolos como instrumentos de proteção ao paciente. A criação de um ambiente que incentive a comunicação aberta, a notificação de incidentes sem caráter punitivo e a aprendizagem contínua a partir dos erros contribui para o aprimoramento das

práticas assistenciais. Nesse contexto, o comprometimento institucional e a valorização da segurança como prioridade organizacional fortalecem a adesão aos protocolos e favorecem resultados mais seguros e eficazes.

A enfermagem exerce papel central na implementação e monitoramento dos protocolos de segurança. O enfermeiro participa ativamente da aplicação do checklist cirúrgico, da conferência de informações e da comunicação entre os membros da equipe. Sua atuação contribui para assegurar que todas as etapas sejam cumpridas e que inconsistências sejam identificadas e corrigidas antes do início do procedimento.

Portanto, os protocolos de segurança e os checklists cirúrgicos constituem ferramentas indispensáveis para a prevenção de erros e para a promoção da segurança do paciente. Sua aplicabilidade, aliada à adesão da equipe, à cultura de segurança e à atuação qualificada da enfermagem, fortalece a qualidade da assistência e reduz significativamente a ocorrência de eventos adversos em procedimentos cirúrgicos.



### Atuação da Enfermagem na Promoção da Segurança e Prevenção de Eventos Adversos

A atuação da enfermagem na promoção da segurança do paciente em procedimentos cirúrgicos é um dos pilares fundamentais para a prevenção de eventos adversos e para a garantia de um cuidado qualificado. A presença contínua da equipe de enfermagem ao longo do período perioperatório permite que esses profissionais atuem diretamente na implementação de práticas seguras, desde a admissão do paciente até o pós-operatório imediato. Nesse sentido, o enfermeiro desempenha papel estratégico na identificação de riscos, na execução de protocolos e na vigilância constante da assistência prestada.

A responsabilidade da enfermagem na segurança do paciente inicia-se ainda na fase pré-operatória, por meio da verificação criteriosa da identidade do paciente, da conferência de dados clínicos, do procedimento a ser realizado e do sítio cirúrgico. Essa etapa é essencial para prevenir erros relacionados à identificação e garantir que todas as informações estejam corretas antes do início do procedimento. A checagem de pulseiras de identificação, prontuários, termos de consentimento e exames complementares constitui prática indispensável para minimizar riscos e evitar falhas.

Durante o intraoperatório, o enfermeiro assume funções fundamentais na coordenação das ações da equipe, na organização do ambiente cirúrgico e na aplicação de protocolos de segurança. A utilização de instrumentos padronizados, como o checklist de segurança cirúrgica, contribui para a redução de erros e para a

melhoria da comunicação entre os profissionais envolvidos. A atenção aos detalhes, o cumprimento rigoroso das etapas e a supervisão contínua do processo, segundo Silva e Oliveira (2021) são fatores decisivos para garantir a segurança do paciente.

> A enfermagem possui papel central na promoção da segurança do paciente cirúrgico, uma vez que participa ativamente da implementação de protocolos, da verificação da identidade do paciente e da checagem de informações essenciais antes do procedimento. A atuação sistematizada do enfermeiro contribui para a prevenção de erros, o fortalecimento da comunicação entre a equipe multiprofissional e a redução de eventos adversos (Silva; Oliveira, 2021, p. 112).



A comunicação eficaz representa um dos principais instrumentos da enfermagem na prevenção de eventos adversos. A troca clara de informações entre os membros da equipe, bem como entre profissionais e pacientes, reduz significativamente a ocorrência de falhas. Nesse contexto, o enfermeiro atua como elo de ligação entre os diferentes profissionais, assegurando que informações críticas sejam compartilhadas de forma adequada e tempestiva.

No período pós-operatório, a atuação da enfermagem continua sendo essencial para a detecção precoce de complicações e para a garantia da continuidade do cuidado. A monitorização dos sinais vitais, a avaliação da dor, a observação de sinais de infecção e o acompanhamento da recuperação do paciente são atividades que exigem atenção contínua e conhecimento técnico. A identificação precoce de alterações permite intervenções rápidas e eficazes, reduzindo o risco de agravamentos.

Além das ações assistenciais diretas, a enfermagem também desempenha papel educativo junto ao paciente e à família. A orientação sobre cuidados pós-operatórios, sinais de alerta e medidas de autocuidado contribui para a prevenção de complicações e para a recuperação segura. Essa dimensão educativa para Martins e Costa (2020), fortalece o vínculo terapêutico e amplia a segurança do cuidado para além do ambiente hospitalar.

> A atuação da enfermagem na prevenção de eventos adversos ultrapassa a execução de procedimentos técnicos, envolvendo ações educativas, monitoramento contínuo e articulação entre diferentes profissionais. O enfermeiro, ao assumir postura proativa e baseada em evidências, contribui para a construção de uma cultura de segurança e para a melhoria contínua da qualidade da assistência (Martins; Costa, 2020, p. 89).

A implementação de uma cultura de segurança depende diretamente do engajamento da equipe de enfermagem. A participação em programas de educação permanente, a adesão a protocolos institucionais e a prática baseada em evidências são elementos essenciais para o fortalecimento da segurança do paciente. O

enfermeiro, enquanto líder e gestor do cuidado, tem papel fundamental na disseminação de práticas seguras e na promoção de melhorias contínuas nos processos assistenciais.

Dessa forma, a atuação da enfermagem na promoção da segurança e na prevenção de eventos adversos configura-se como componente indispensável da assistência cirúrgica. A combinação de competência técnica, comunicação eficaz, vigilância contínua e compromisso ético permite a construção de um ambiente assistencial mais seguro, humanizado e centrado no paciente, contribuindo significativamente para a redução de riscos e para a qualidade do cuidado prestado.



## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A análise bibliográfica e documental demonstrou que a identificação correta do paciente constitui uma barreira transversal a todo o percurso cirúrgico. O risco de troca não se limita ao momento da cirurgia, pois pode surgir na admissão, na coleta de exames, na administração de medicamentos, na transferência entre setores, na anestesia ou no pós-operatório.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2009) situa a confirmação da identidade, do procedimento e do sítio cirúrgico entre as etapas essenciais da cirurgia segura. Portanto, identificar não é uma formalidade administrativa, mas uma ação clínica que protege o paciente de danos evitáveis.

Os resultados evidenciaram que nome completo e outro identificador confiável, como data de nascimento, devem ser confrontados com pulseira, prontuário, documentação e declaração do próprio paciente, quando possível. Número do leito, quarto, diagnóstico ou aparência física não são suficientes, pois podem mudar ou ser compartilhados.

A verificação precisa ser repetida antes de cada cuidado crítico e não apenas na admissão. Essa redundância funciona como barreira contra falhas de memória, interrupções e trocas de informação, especialmente em contextos de alta demanda.

No período pré-operatório, a enfermagem ocupa posição estratégica ao conferir identidade, consentimento, procedimento previsto, lateralidade ou sítio, alergias, exames e condições clínicas. A identificação de divergências deve interromper o fluxo até que as informações sejam esclarecidas.

Silva e Oliveira (2021) relacionam a atuação sistematizada da enfermagem à prevenção de eventos adversos. Isso demonstra que cumprir horários ou acelerar o encaminhamento não pode se sobrepor à segurança; diante de inconsistência, pausar o processo representa conduta protetiva e responsabilidade profissional.

Durante o intraoperatório, o checklist organiza momentos de confirmação e promove comunicação entre enfermagem, cirurgia e anestesia. A OMS (2009) propõe verificações antes da indução anestésica, antes da incisão e antes de o paciente deixar a sala.

O instrumento reduz a dependência exclusiva da memória, mas não produz segurança quando preenchido retrospectivamente ou de modo automático. Sua efetividade exige participação verbal da equipe, atenção às respostas e disposição para corrigir inconformidades. Assim, o checklist deve ser entendido como processo comunicacional, e não apenas como formulário.



A literatura também apontou que falhas de comunicação, pressa, sobrecarga, interrupções, mudanças de equipe e cultura punitiva ampliam a vulnerabilidade dos processos. Protocolos isolados não compensam ambientes em que profissionais receiam questionar informações ou relatar incidentes.

Rodrigues e Almeida (2021) ressaltam a importância da cultura de segurança e da atuação da enfermagem. Uma organização segura precisa estimular comunicação assertiva, notificação sem culpabilização automática, análise das causas e aprendizado coletivo, preservando a responsabilização ética sem reduzir o problema ao erro individual.

A participação do paciente e da família pode fortalecer a identificação, desde que não substitua a obrigação profissional. Perguntar diretamente o nome e a data de nascimento, explicar por que a conferência se repete e estimular a manifestação diante de informações divergentes ampliam a corresponsabilidade. A comunicação clara reduz insegurança e favorece vínculo.

Martins e Costa (2020) associam ações educativas e monitoramento à prevenção de eventos adversos. Em situações de incapacidade de resposta, a equipe deve recorrer a documentação, acompanhante e protocolos específicos, mantendo o mesmo rigor.

Tecnologias como códigos de barras e prontuários eletrônicos podem aumentar a rastreabilidade e alertar para incompatibilidades, mas não eliminam a necessidade de verificação ativa. Pulseiras ilegíveis, dados cadastrados incorretamente, alertas ignorados ou leitura realizada longe do paciente podem transformar uma ferramenta de segurança em rotina aparente.

Por isso, a tecnologia deve integrar um sistema que inclua treinamento, manutenção, auditoria e observação direta. A enfermagem contribui tanto na utilização correta desses recursos quanto na identificação de fragilidades do processo e na proposição de melhorias.

Em síntese, os achados respondem ao objetivo ao mostrarem que a identificação correta, associada a checklist, comunicação e cultura de segurança, reduz oportunidades de erro ao longo do cuidado perioperatório. A enfermagem atua como executora, supervisora e articuladora dessas barreiras.

A convergência entre literatura científica e documentos institucionais proporcionou base consistente para a interpretação. O caráter bibliográfico e documental não reduz a qualidade do estudo; critérios explícitos, leitura crítica e análise temática permitem sistematizar evidências, reconhecer riscos recorrentes e fundamentar práticas assistenciais mais seguras.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo alcançou o objetivo de analisar a identificação correta do paciente como estratégia de prevenção de erros em procedimentos cirúrgicos e evidenciou a importância da enfermagem nesse processo. Os achados demonstraram que falhas podem ocorrer em diferentes etapas do percurso perioperatório e produzir trocas de procedimentos, medicamentos, documentos ou sítios, com repercussões potencialmente graves e evitáveis.

A confirmação mediante dois identificadores confiáveis, associada à pulseira, ao prontuário, à participação do paciente, à verificação do procedimento e do sítio e à aplicação dialogada do checklist, constitui uma barreira essencial. A enfermagem participa dessas ações desde a admissão até o pós-operatório, devendo interromper o processo e buscar esclarecimento sempre que identificar inconsistências.

Recomenda-se fortalecer educação permanente, comunicação estruturada, auditorias, uso seguro de tecnologias, dimensionamento adequado e cultura de notificação orientada à aprendizagem. Protocolos precisam ser aplicados com atenção e sentido clínico, e não como exigências meramente documentais. O compromisso coletivo entre instituição, equipe e paciente amplia a confiabilidade dos processos e a qualidade da assistência cirúrgica.

A pesquisa bibliográfica e documental mostrou-se metodologicamente adequada e não teve sua qualidade reduzida pela ausência de coleta de campo. A seleção criteriosa das fontes, a análise qualitativa e a articulação entre evidências e recomendações institucionais possibilitaram uma síntese sólida e aplicável à prática. Outros delineamentos poderão aprofundar realidades locais, enquanto este estudo oferece fundamentos relevantes para a formação, a gestão e a atuação segura da enfermagem.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Saúde; AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA; FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Protocolo de identificação do paciente**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013a. Disponível em: https://goias.gov.br/saude/wp-content/uploads/sites/34/2015/02/protocolo-de-identificacao-do-paciente-d73.pdf. Acesso em: 18 out. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde; AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA; FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Protocolo para cirurgia segura**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013b. Disponível em: https://www.hospitalsantalucinda.com.br/downloads/protocolo_cirurgia_segura.pdf. Acesso em: 18 out. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, R. C.; COSTA, L. F. Segurança do paciente em procedimentos cirúrgicos: estratégias para prevenção de eventos adversos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 73, n. 5, p. 83–92, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/i/2020.v73n5/. Acesso em: 31 out 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Cirurgias seguras salvam vidas:** segundo desafio global para a segurança do paciente. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2009.

RODRIGUES, F. M.; ALMEIDA, R. G. Segurança do paciente em ambientes cirúrgicos: desafios e perspectivas da enfermagem. **Revista Enfermagem Atual**, Rio de Janeiro, v. 95, n. 35, p. 88–96, 2021. Disponível em: https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista. Acesso em: 31 out 2026.

SILVA, J. A.; OLIVEIRA, M. T. Práticas seguras em ambiente cirúrgico: atuação da enfermagem na prevenção de eventos adversos**. Revista de Enfermagem Contemporâne**a, Salvador, v. 10, n. 2, p. 108–118, 2021. Disponível em: https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/issue/archive. Acesso em: 31 out 2026.